

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-15, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.45639</p>	

SEÇÃO: PENSAMENTO COMUNICACIONAL

Materiais para uma reconstrução da dialética na Comunicação: a crítica dialética da indústria cultural e as ligações entre Teoria Crítica, Nova Leitura de Marx e Economia Política da Comunicação¹

Materials for a reconstruction of dialectics in Communication: the dialectical critique of the cultural industry and the links between Critical Theory, New Reading of Marx and Political Economy of Communication

Materiales para una reconstrucción de la dialéctica en la comunicación: la crítica dialéctica de la industria cultural y los vínculos entre Teoría Crítica, Nueva Lectura de Marx y Economía Política de la Comunicación

Manoel Dourado Bastos²

orcid.org/0000-0001-5874-2400
manoel.bastos@uel.br

Recebido em: 13 jan. 2024.
Aprovado em: 26 set. 2024.
Publicado em: 17 jan. 2024.

Resumo: Apresentamos neste artigo materiais para uma reconstrução da dialética na Comunicação. Em um primeiro momento, reconhecemos como a categoria de indústria cultural elaborada por Adorno e Horkheimer é exposta em termos dialéticos desentranhados do próprio objeto, ao realizar os resultados históricos da crise do capitalismo liberal e as condições de sua continuidade, já em termos de capitalismo monopolista. Em um segundo momento, discutimos a cisão teórica promovida pela crítica reconstrutiva de Habermas que, em nome da Comunicação, se desacoplou da teoria do valor de Marx e, conseqüentemente, de seu método dialético. Em um sentido oposto, buscamos na Nova Leitura de Marx (NLM) a persistência da dialética como abordagem adequada do capitalismo. Pela intermediação de Ruy Fausto e da teoria da derivação do Estado, reconhecemos como a linha trilhada pela NLM chega até a Economia Política da Comunicação que, em César Bolaño, reconhece a comunicação como forma social e a crítica dialética como método do pensamento comunicacional.

Palavras-chave: crítica dialética; teoria crítica; nova leitura de Marx; economia política da comunicação.

Abstract: In this article we present materials for a reconstruction of dialectics in Communication. At first, we recognize how the category of cultural industry elaborated by Adorno and Horkheimer is exposed in dialectical terms disentangled from the object itself, when realizing the historical results of the crisis of liberal capitalism and the conditions of its continuity, already in terms of monopoly capitalism. Secondly, we discuss the theoretical split promoted by Habermas's reconstructive criticism which, in the name of Communication, decoupled itself from Marx's theory of value and, consequently, from his dialectical method. In an opposite sense, we seek in the New Reading of Marx (NRM) the persistence of dialectics as an adequate approach to capitalism. Through the intermediation of Ruy Fausto and the theory of State derivation, we recognize how the line followed by the NRM reaches the Political Economy of Communication which, in César Bolaño, recognizes communication as a social form and dialectical criticism as a method of communicational thought.

Keywords: dialectical critique; critical theory; new reading of Marx; political economy of communication



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ O presente artigo é resultado de pesquisa realizada pelo autor em estágio pós-doutoral junto ao PPG/FAC/UnB.

² Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil.

Resumen: En este artículo presentamos materiales para una reconstrucción de la dialéctica en la Comunicación. En un primer momento, reconocemos cómo la categoría de industria cultural elaborada por Adorno y Horkheimer (2012) se expone en términos dialécticos desenredados del objeto mismo, al darnos cuenta de los resultados históricos de la crisis del capitalismo liberal y las condiciones de su continuidad, ya en términos del capitalismo monopolista. En segundo lugar, discutimos la escisión teórica promovida por la crítica reconstructiva de Habermas que, en nombre de la Comunicación, se desvinculó de la teoría del valor de Marx y, en consecuencia, de su método dialéctico. En sentido opuesto, buscamos en la Nueva Lectura de Marx (NLM) la persistencia de la dialéctica como un enfoque adecuado al capitalismo. Por intermediación de Ruy Fausto y la teoría de la derivación del Estado, reconocemos cómo la línea seguida por la NLM llega a la Economía Política de la Comunicación que, en César Bolaño, reconoce la comunicación como forma social y la crítica dialéctica como método de pensamiento comunicacional.

Palabras clave: crítica dialéctica; teoría crítica; nueva lectura de Marx; economía política de la comunicación.

Apresentação

No prefácio ao primeiro tomo de *Marx: Lógica & Política*, um conjunto de textos produzidos primordialmente durante os anos 1970, Ruy Fausto (2015, p. 26) afirma que sua obra visava "apresentar os 'materiais para uma reconstrução da dialética'". Conforme Guerra e Serrano (2021), a obra de Fausto se liga a um campo intelectual em torno do qual, a partir dos anos 1960, outros autores encaminharam perspectivas que carregam certo ar de família, visando a investigação do método próprio à obra de Marx. Em nota, Fausto (2015, nota 10) afirma que aquela afirmação se deve "a muita gente", citando, por exemplo, Hans-Georg Backhaus que, entre 1973 e 1978, publicou em quatro partes (das quais Fausto faz referência a três) um texto cujo título geral é justamente "*Materialien Zur Rekonstruktion der Marxschen Werttheorie*" [Materiais para uma reconstrução da Teoria Marxiana do Valor] (depois, compilados em Backhaus, 1997). A abordagem de Backhaus (1997, 2021a, 2021b, 2022), em conjunto com os trabalhos de Helmut Reichelt (1982, 2011, 2013a, 2013b, 2017), dentre outros, ficou conhecida como a *Neue Marx-Lektüre* [Nova Leitura de Marx, doravante NLM]. Trata-se de um decisivo desdobramento da Teoria Crítica proposta por Adorno (Bellofiore; Riva, 2015; Reichelt, 2017; Schäbel,

2019; Barreira, 2022).

Disto é possível presumir que, no âmbito do próprio marxismo, a dialéctica havia se tornado muito mais um automatismo discursivo do que um princípio lógico para uma abordagem crítica. A concepção dos projetos de Fausto e da NLM, por sua vez, afirma que a reconstrução se daria como um enfrentamento dos pressupostos lógicos próprios à obra de Marx, que também passaria pelo escrutínio de sua própria abordagem, com o que se assentaria os fundamentos continuados de uma crítica ao capitalismo. Nesse projeto, a dialéctica figura não como uma abordagem epistemológica transcendental, dotada de um discurso capaz de desvendar o núcleo racional do capitalismo como núcleo exterior, mas como o método de análise e exposição reconhecido da própria realidade, diante da qual não sobressai um esclarecimento científico linear e imediato, mas um enfrentamento das antinomias constitutivas da sociedade que também colocam em contradição a própria elaboração discursiva.

Não é menos importante o fato de que a proposta de reconstrução proposta pela NLM e por Fausto se coloque em um ponto de vista crítico ao pensamento de Jürgen Habermas, cuja perspectiva de teoria e método elaborada a partir de fins dos anos 1960 também se apresenta como reconstrutiva. Luiz Philipe de Caux (2021) afirma que Habermas promove uma cisão na trajetória da Teoria Crítica, uma fenda descontínua entre a "crítica imanente negativa" de Adorno e a "crítica imanente positiva" dos pós-frankfurtianos de Axel Honneth em diante. Essa ruptura se configura na formulação de uma "reconstrução racional", proposta por Habermas a partir de *Conhecimento e Interesse* (Habermas, 2014c) e cujo núcleo se encontra na *Teoria da Ação Comunicativa* (Habermas, 2022), chegando a *Facticidade e Validade* (Habermas, 2021). Visando a consolidação de um diagnóstico de época, Habermas teria apontado justamente uma limitação do aparato teórico da "crítica imanente da ideologia" de Horkheimer e Adorno, incapazes de lidar com as transformações do capitalismo ocorridas em meados do século XX. Nesse contexto, a Comunicação

se impunha como objeto de análise central e encontraria guarida epistemológica na teoria crítica reconfigurada como ciência reconstrutiva, descartando a teoria marxiana do valor e a dialética negativa de Adorno como abordagens adequadas.³

Ao concordar com a perspectiva de Caux (2021), sugerimos que a ruptura por ele observada gera uma *bifurcação* entre a vertente habermasiana, que propõe um rompimento com Adorno e Horkheimer, e a perspectiva da NLM, que propõe uma continuidade, ambas se apresentando, não por acaso, segundo o motivo da *reconstrução*. Para um lado, na ruptura posta por Habermas sobressai a avaliação dos *princípios normativos* da ação comunicativa e da política deliberativa, já inscritos nas sociedades desde as "Revoluções Constitucionais" de fins do século XVIII e que devem, assim, ser reconstruídos pelo teórico visando a diretriz emancipatória própria da Teoria Crítica, já livre dos limites impostos desde a *Dialética do Esclarecimento* (Adorno; Horkheimer, 2012). Para o outro lado, por sua vez, permanece a perspectiva da NLM, para a qual as necessárias *contradições imanentes* às formas sociais encontram na reconstrução da dialética exposta pela teoria marxista do valor a abordagem capaz de compreender os nexos entre aparência e essência que se configuram segundo o princípio da abstração real. Se a perspectiva de Habermas, ao pôr a Comunicação em seu centro, corresponde às transformações de época pelas quais o capitalismo passou no último terço do século XX e para as quais busca oferecer um diagnóstico, é na linha seguida pela NLM que ainda encontramos a dialética como a abordagem capaz de lidar com as contradições do capitalismo que não só não desapareceram, como se tornaram ainda mais radicais.

Entendemos que a dialética característica da crítica imanente negativa (Caux, 2021) constitui-se como um encaminhamento coerente para lidar

com a compreensão das formas sociais próprias ao capitalismo, dentre as quais destacamos a Comunicação, que, contudo, foi enfrentada apenas episodicamente pela NLM. Observamos também que a própria Comunicação tornou-se motivo decisivo para um abandono da dialética pela perspectiva habermasiana. Assim, o que elaboraremos a seguir, em contraponto à ciência reconstrutiva de Habermas e filiados àquele espírito adotado por Fausto, Backhaus, Reichelt, dentre outros, é uma apresentação inicial de materiais visando uma crítica dialética adequada aos estudos de Comunicação. Com isso, entendemos que se apresenta uma alternativa àquela pressão interna ao pensamento comunicacional que conduz as pesquisas, primordialmente empíricas, à matriz clássica funcionalista.

Dedicaremos-nos a um momento singular do pensamento comunicacional, que se organizou no espírito de Ruy Fausto e da NLM. Trata-se da crítica dialética elaborada no interior da Economia Política da Comunicação por César Bolaño. O próprio Bolaño (2015) já definiu seu projeto a partir de uma Crítica da Epistemologia da Comunicação, visando oferecer a Economia Política da Comunicação como uma alternativa teórica completa ao campo. Sem lidar com todas as ricas polêmicas, pretendemos apenas ressaltar como a dialética opera na perspectiva da Economia Política da Comunicação de Bolaño um *leitmotiv* que avança a perspectiva original sobre a Indústria Cultural, categoria decisiva da Teoria Crítica.

O texto está dividido em duas partes, além desta apresentação e das considerações finais. Na primeira parte, indicaremos os fundamentos da dialética nos Estudos em Comunicação a partir da elaboração da Indústria Cultural como categoria da crise⁴, em sua elaboração original por Adorno e Horkheimer (2012). Mostraremos inicialmente que, em contraste com as teses sobre o capitalismo de estado de Pollock (2019), a categoria de Indústria Cultural se organiza conceitualmente

³ A meu modo, sigo avaliação da crítica reconstrutiva de Habermas por Repa (2021). Ao contrário de Repa, contudo, aponto para limitações da crítica reconstrutiva. O trecho do livro de Caux (2021) dedicado a Habermas é bastante elucidativo nesse sentido.

⁴ Adotaremos a perspectiva da crise como negativo do capital, segundo a perspectiva de Grespan (2012, p. 23), para o qual "o significado que o conceito tem na obra de Marx" diz respeito à "negatividade imanente ao capital, enquanto manifestação de uma contradição constitutiva do capital".

segundo a dialética. Explicitaremos aspectos que levaram Adorno e Horkheimer a essa formulação e as dificuldades interpostas pelo argumento dos autores sobre a homogeneização desdobrada do achatamento entre economia e cultura. O principal aspecto está em reconhecer como a obra dos frankfurtianos aponta para além de uma crítica clássica da ideologia, oferecendo uma abordagem dialética de um contexto histórico em que a crise do capitalismo transformou a sociedade em ideologia de si mesma a partir de um achatamento entre economia e cultura, que passou a funcionar segundo os imperativos da teoria do valor.

Com isso, podemos observar, na segunda parte, de que maneira no bojo da Economia Política da Comunicação colocou-se o desafio de elaboração de uma crítica dialética no pensamento comunicacional. Para lidar com isso, observaremos rapidamente a referida bifurcação que, de um lado, põe a teoria da ação comunicativa de Habermas como perspectiva reconstrutiva que tem a Comunicação por origem e horizonte e, de outro, habilita a NLM como continuidade da abordagem de Adorno que, em desacordo com a perspectiva habermasiana de ciência reconstrutiva, põe em primeiro plano a crítica dialética desentranhada da teoria marxista do valor. A partir disso, reconheceremos os laços (principalmente por conta da leitura de Ruy Fausto e da teoria da derivação do Estado) que ligam a NLM com a EPC produzida por César Bolaño (2000), em cuja obra, a partir do conceito de comunicação como forma social, percebemos a elaboração de uma crítica dialética nos Estudos em Comunicação.

1 A dialética como abordagem necessária da Indústria Cultural

Na leitura de Vladimir Puzone (2016), deve-se

encontrar o mote da elaboração conceitual da Teoria Crítica na questão da estabilização do capitalismo. Porém, particularmente na formulação da *Dialética do Esclarecimento*, não se tratava de qualquer abordagem do “capitalismo perene”. Sem se ater a essa diferença, as avaliações curiosamente tradicionais da obra de Adorno e Horkheimer (2012)⁵ costumam dar conta de uma presença direta da tese do capitalismo de estado de Pollock (2019), segundo a qual um conjunto de estratégias políticas se mostraram capazes de *suspender* a tendência do capital à crise.⁶ Assim, a perspectiva frankfurtiana de uma sociedade administrada é reconhecida imediatamente como um conjunto de relações sociais estabilizadas, sob as quais as contradições substanciais do capital desaparecem a partir de uma ação do Estado. Se perde com isso a lógica da articulação posta pela racionalidade instrumental – e para a qual a Indústria Cultural exerce papel decisivo – entre a aparência de uma homogeneidade nas relações sociais (o plano da circulação de mercadorias onde as pessoas são vistas como livres e iguais) e a substância de uma dominação baseada nas contradições substanciais do capitalismo (o plano da exploração do trabalho onde as pessoas se relacionam segundo a hierarquia posta por sua função no processo de produção).

As teses de Pollock, de fato, ocupam um papel importante na elaboração original da Teoria Crítica. De um lado, as proposições de Pollock confrontaram as idéias desenvolvidas por Grossmann (2021) no nascedouro institucional do Instituto de Pesquisa Social, que sintetizaram, em um sentido bem específico, os debates que animaram as desavenças entre o revisionismo desde Bernstein e as diferentes perspectivas comunistas sobre o colapso do capitalismo, como em Luxemburgo (1985) e Lênin (2021). De outro lado, Pollock tratou de atacar as formulações de

⁵ Cf. por exemplo, o argumento de Postone (2014), que se dedica a criticar Pollock e Horkheimer por seu pessimismo, a partir do que fecha a fatura sobre a *Dialética do Esclarecimento* na mesma linha. Por conta da comemoração do centenário de fundação do Instituto de Pesquisa Social, o mote da centralidade das teses sobre o capitalismo de estado foi repetido a fim de indicar que a Teoria Crítica sempre padeceu de um abandono da (Crítica da) Economia Política, com o que, atualmente se mostra incapaz de lidar com as contradições do neoliberalismo (cf., p. ex., Scheuerman, 2023; Moyn, 2023). Em contraposição, o argumento que apresento no texto possui vários pontos de contato com a perspectiva de O’Kane (2024), de onde tirei as referências aos textos de Scheuerman (2023) e Moyn (2023).

⁶ No estudo apensado à tradução dos textos de Pollock para o português, Fleck e Caux (2019) acompanham as diferentes tensões das teses sobre o capitalismo de estado e os pensadores frankfurtianos. Não sem alguma curiosidade, os autores apontam que a presença indireta de Pollock se encontra justamente na obra de Habermas.

Neumann (2009 e 2013) sobre o Behemoth nazi-fascista e a *suspensão* do Estado. Nos dois casos, de diferentes maneiras, o propósito de Pollock era mostrar que o capitalismo de Estado suspendia a tendência de crise imanente ao capital.

Contudo, mesmo com a devida relevância das teses de Pollock para Adorno e Horkheimer, não é possível reduzir a Teoria Crítica apresentada na *Dialética do Esclarecimento* a um conjunto de formulações desdobradas do conceito de capitalismo de Estado. Como argumenta Puzone (2016), é bastante problemática a leitura tradicional do livro de Adorno e Horkheimer que afirma que nele se encontra um momento teórico de adoção sem resto das teses de Pollock.⁷ A tese subjacente a essa proposição é a de que a Teoria Crítica se desenvolveu a partir de uma fundamentação cuja linha definidora era um progressivo abandono de perspectivas decisivas da Crítica da Economia Política, ou seja, a teoria do valor de Marx. Segundo esse argumento, a perspectiva da sociedade administrada e sua racionalidade instrumental, uma mera aplicação do argumento de Pollock com vistas a uma observação de longuíssima duração da sociedade, imporá uma objeção forte à teoria do valor, posicionando o Estado acima das dinâmicas próprias às leis de movimento e tendência do capital em torno da crise, na contramão das formulações de Marx.

Ao contrário dessa leitura, seguimos na trilha de Puzone (2016) ao entender que uma observação mais atenta da *Dialética do Esclarecimento* mostra que a redução desta obra às teses sobre o capitalismo de Estado não só é objetivamente equivocada, como também embaralha a compreensão das disputas críticas entre os frankfurtianos. Desde o estudo dedicado ao "estado autoritário", por exemplo, as formulações de Horkheimer (2019) sobre o tema diferem da premissa geral adotada por Pollock (2019). O texto de Horkheimer (2019) pretendia ser uma abordagem dialética, observando como persistiram, nas contradições da estabilização estatal, os elementos de crise do capitalismo no início do século XX e enfrentando

os impasses gerados pelas teses de Pollock. Não é por acaso que a *Dialética do Esclarecimento* seja o resultado do projeto de Horkheimer, visando à produção de um estudo sobre a lógica dialética. Nos termos de Caux (2021), o livro, enfim publicado em parceria com Adorno, longe de concretizar o projeto original, mais bem expressa a solução de compromisso possível entre os autores, que divergiam justamente sobre os princípios de método da dialética.

Conforme a observação de Susan Buck-Morss (1979), enquanto Horkheimer estava afeito a uma perspectiva clássica de crítica da ideologia, para a qual interessa destacar a discrepância entre conceitos burgueses e sua efetividade, Adorno propunha a perspectiva da crítica imanente. Isso significava não apenas acusar o hiato entre as idéias burguesas, historicamente inconclusas, alçadas a norma e sua distorção na externalidade do real (a perspectiva de Horkheimer), mas operaria, para Adorno, segundo uma negatividade determinada, sob a qual se reconheceria a invalidade imanente do pensamento burguês, o que tornaria possível desentranhar a verdade a partir da interpretação da própria ideologia em seu interior. Ou seja, um lema burguês como o de liberdade não seria falso apenas porque discrepa da realidade, como se avalia segundo a crítica clássica da ideologia, mas porque a própria ideia burguesa de liberdade já contém em si mesma o caráter contraditório da dominação. Assim, o que se entendia como discrepância, dada a não realização da ideia de liberdade é, contraditoriamente, uma realização da dominação já contida na ideia de liberdade.

Nesse sentido, buscamos repensar a Teoria Crítica não como um abandono da Crítica da Economia Política, mas, pelo contrário, uma incorporação de suas proposições categoriais dialéticas, particularmente no que diz respeito à abordagem da Indústria Cultural desenvolvida na *Dialética do Esclarecimento*. A perspectiva adotada por Pollock (2019) sobre o capitalismo de estado preocupa-se com o problema da *estabilização* do capitalismo

⁷ Além de Postone (2014), Puzone aponta que o tipo de leitura redutora da *Dialética do Esclarecimento* se encontra em autores relevantes como Dubiel (1985) e Honneth (1999).

devido à *supressão* de suas contradições pela via da política. Para Adorno e Horkheimer (2012), pelo contrário, tratava-se de entender como as contradições do capitalismo levaram à expansão das leis do valor para esferas que até então eram entendidas como impermeáveis, mas que, por uma disposição interna previamente existente, incorporaram e se submeteram aos desígnios do capital.

A barbárie estética consoma hoje a ameaça que sempre pairou sobre as criações do espírito desde que foram reunidas e neutralizadas a título de cultura. O denominador comum "cultura" já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração. Só a subsunção industrializada e consequente é inteiramente adequada a esse conceito de cultura. Ao subordinar da mesma maneira todos os setores da produção espiritual a este fim único – ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noite, até a chegada ao relógio de ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia – essa subsunção realiza ironicamente o conceito da cultura unitária que os filósofos da personalidade opunham à massificação (Adorno; Horkheimer, 2012, p. 108).

Desde o início do capítulo sobre a Indústria Cultural, os autores contrapõem à percepção liberal então corrente de "caos cultural" a configuração de um "ar de semelhança" pelo sistema próprio à cultura contemporânea. Para os frankfurtianos, a crise do capitalismo de *laissez-faire* predominante ao longo do século XIX suscitou uma aparência de desagregação para aqueles espíritos burgueses que encontraram nos ascendentes meios de comunicação de massa apenas uma miríade aleatória de produções voltadas para as classes trabalhadoras, consideradas demasiadamente rebaixadas para o gosto refinado das classes proprietárias. O indivíduo burguês liberal, avaliaram Adorno e Horkheimer (2012), contraditoriamente realizaria sua pretensa independência justamente na submissão ao poder absoluto do capital, expresso, por exemplo, nas células habitacionais que definiam o apartamento da pessoa

com relação às demais, reduzidas cada qual a produtores e consumidores que, como máscaras de caráter, devem tão-somente trabalhar e se divertir. É nessa "falsa identidade do universal e do particular" que podemos reconhecer que os filósofos de Frankfurt entenderam a transformação ideológica em curso à época a partir das contradições do processo de *homogeneização*.

Segundo Adorno e Horkheimer (2012), os desígnios da dinâmica concorrencial, que já não se faziam valer integralmente na esfera econômica, teriam migrado para a esfera ideológica como elemento renovado de dominação social.

Atualmente em fase de desagregação na esfera da produção material, o mecanismo da oferta e da procura continua atuante na superestrutura como mecanismo de controle em favor dos dominantes. Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos (Adorno; Horkheimer, 2012, p. 110).

Ou seja, para Adorno e Horkheimer (2012), a Indústria Cultural era uma significativa transformação da esfera ideológica que, no sentido clássico marxista, seria um âmbito separado do processo produtivo que operaria uma falsa consciência socialmente necessária.⁸ A crise da sociedade liberal no fim do século XX e a ascensão do capitalismo monopolista levaram à incorporação da ideologia ao processo produtivo, exatamente porque ela mesma é produzida por um novo setor econômico específico, ou seja, a Indústria Cultural.

Esse achatamento das esferas outrora separadas não se deu sem contradições. Pensando em termos estéticos, Adorno e Horkheimer (2012, p. 100) indicam como o esquematismo da padronização e da produção em série, propiciado pela

⁸ Como vimos acima, segundo esta concepção, a ideologia é falsa porque não está de acordo com a realidade, é necessária porque o capitalismo se reproduz a partir desta discrepância, que impediria as pessoas de avaliarem corretamente as contradições da realidade, e é separada porque seria operada por instâncias como a escola e a igreja, que não funcionariam imediatamente segundo os ditames do processo econômico, mas segundo os preceitos liberais da autonomia do mundo das ideias.

técnica da Indústria Cultural, levou à indistinção entre a lógica da obra artística e a do sistema social. Por sua vez, isso funcionaria, segundo os autores, como a orientação das pessoas, nos momentos de lazer, por tal unidade da produção, de maneira que "o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural" (2012, p. 104). Tal esquematismo, porém, não funciona como uma simples imposição pela obediência, mas como a regulação da cultura pelas leis de mercado.

Assim, destacamos que, nos termos da crítica imanente conforme Adorno, mais do que uma colonização do mundo da vida pelo sistema (como pode ser lida, como veremos, a Indústria Cultural à maneira habermasiana), trata-se de reconhecer as mediações de uma esfera como a cultura pelos termos da própria teoria do valor, ou, mais ainda, como limites concretos da dinâmica do capitalismo alcançados pela crise do modelo liberal foram superados pela realização, no capitalismo monopolista, das leis do valor em planos que só respondiam a tais imperativos de maneira colateral. Ou seja, depreendemos do argumento de Adorno e Horkheimer (2012) que a cultura não expressa um problema para o capitalismo porque lhe é uma esfera exterior e, nesse sentido, difícil de ser internalizada, mas porque, como esfera autonomizada, ao mesmo tempo se reconhece nela um limite imanente que, por isso mesmo, aparece como um refúgio contraditório do capital em crise. Assim, o conceito de Indústria Cultural, ao apontar o achatamento entre ideologia e processo produtivo, não faz desaparecer as mediações entre economia e cultura, mas mostra a complexidade de suas contradições.

Isto posto, indicamos que a abordagem da Indústria Cultural, ao observá-la como categoria da crise, oferece caminhos para uma perspectiva dialética da Comunicação. Em oposição a isso, veremos a seguir que Habermas, ao conferir um papel central à Comunicação em seu edifício teórico, se desvincilhou das preocupações dialéticas em favor da virada reconstrutiva da Teoria Crítica. Por sua vez, observaremos como é na Economia Política da Comunicação que a crítica dialética encontrará um fundamento

para lidar com a Indústria Cultural nos termos que lhe cabem. Para tal, a EPC passou por uma absorção dos termos teóricos que caminharam na trilha aberta pela NLM, que buscou manter as perspectivas dialéticas apontadas por Adorno.

2 A dialética da comunicação como forma social

A perspectiva mais usual a respeito da Teoria Crítica reconhece Jürgen Habermas como a segunda geração da Escola de Frankfurt. Trataria-se, segundo essa perspectiva, de uma continuidade lógica, com a teoria habermasiana da ação comunicativa resolvendo os limites dos postulados de Adorno e demais pensadores frankfurtianos. Desde ao menos "Trabalho e interação", Habermas (2014a) apostou em uma reconfiguração de certa perspectiva ontológica do trabalho, o que, presume-se, demandaria um abandono das premissas próprias ao pensamento de Marx que persistem na Teoria Crítica. Como fica evidente em sua avaliação sobre Marcuse, Habermas (2014b) propõe uma operação teórica a fim de se desvincilhar da argumentação supostamente funcionalista sobre a sociedade administrada presente nos clássicos da Teoria Crítica, entrando em cena a interação intersubjetiva que, por meio da linguagem, busca o estabelecimento de consensos (ou seja, a ação comunicativa), práxis essencial do mundo da vida, para a qual o trabalho é um outro lado característico da ação cognitivo-instrumental que dominou a modernidade capitalista. Para tal, Habermas demandou um reaproveitamento do pensamento pragmático e sistêmico estadunidense, recuando o espírito de contradição organizado da dialética em Hegel às justaposições e ambivalências da crítica em Kant.

Esta reconstrução do materialismo histórico, que Habermas buscou desde os anos 1960, culminou na *Teoria da ação comunicativa*, em 1981 (Habermas, 2022). Porém, mesmo antes, na *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (Habermas, 2014c), de 1962, é possível reconhecer um desprendimento da dialética, com a inevitável presença estruturalista desde o título e a adoção da perspectiva de tipos ideais weberianos. Foi

em sua obra principal, contudo, que Habermas apresentou uma teoria que buscava articular, principalmente a partir de um engajamento com a concepção de racionalização de Weber, de um lado, e da teoria dos sistemas e da comunicação, de outro, uma crítica do capitalismo reconfigurado ao longo do século XX, que, segundo Habermas, já não obedeceria à dinâmica de classes própria do capitalismo liberal do século XIX, em princípio a lógica social a que Marx teria respondido e decalcado em sua argumentação.

A fim de reposicionar a avaliação unilateral da racionalidade com respeito a fins, ou seja, do trabalho, relativizada em sua relação com a racionalidade comunicativa, isto é, a interação, Habermas (2022) expõe um conceito de sociedade em dois níveis, articulando os planos do sistema e do mundo da vida. A crítica de Habermas (2022) pretende rejeitar o funcionalismo e qualquer dimensão comprometida com a racionalidade instrumental, mas o faz reposicionando a compreensão da modernidade em planos distintos e justapostos. Apresenta, assim, uma compreensão de um caráter seletivo da modernização, em que o potencial da racionalidade cultural se põe a serviço da acumulação capitalista e da burocratização. Com isso, avalia que a modernidade deveria ser entendida como um longo e complexo processo, cujo centro a ser reconstruído está na racionalidade social e cultural, em tudo distinta do processo de modernização social inerente ao capitalismo. Este último, para Habermas (2022), se aproveita apenas de maneira parcial e delimitada das potencialidades desdobradas do processo de racionalização próprio à modernidade.

O problema abordado por Habermas (2022) em torno da colonização do mundo da vida pelo sistema no segundo volume do livro se configura, de certo modo, como um desdobramento concreto das questões abordadas no primeiro volume sobre a racionalização. Ao observar as implicações da racionalidade complexa, Habermas (2022) reconhece a existência de esferas autônomas que, cada qual a seu modo, possibilitam as condições comunicativas da razão, ao mesmo tempo em que, ao passarem pelo crivo seletivo do capita-

lismo, são isoladas em apenas algumas de suas particularidades que viabilizam a modernização capitalista. O mundo da vida, prenhe de toda a ação comunicativa, seria subjugado à seletividade capitalista, que o configura de maneira parcial e sobrepõe os meios que lhe servem, ou seja, poder e dinheiro. Na medida em que Habermas funda na ação comunicativa o caminho para projetos emancipatórios, que seria o motivo último de toda teoria crítica, sua proposição se mostra como um desvencilhamento da dialética: não há mediação das contradições entre sistema e mundo da vida, mas uma existência em paralelo e uma intrusão do primeiro sobre o segundo.

Para os termos de Habermas (2022), o fato da racionalidade comunicativa servir para os desígnios da modernidade capitalista e seu caráter seletivo constitui-se uma ironia, o que, portanto, se apresenta até como uma deformação, mas impede a redução da primeira à segunda. Desobrigado a estabelecer uma unidade de contrários, o motivo paradoxal que liga o potencial comunicativo da racionalidade e a modernização capitalista abre as linhas alternativas de um projeto emancipatório calcado no Esclarecimento e na universalidade. Racionalizar o mundo da vida, seguindo os passos de Habermas (2022), deixaria de ser a mera racionalização instrumental e administrada da teoria de Adorno e Horkheimer e passa também a ser um decisivo caminhar lógico e dinâmico para a racionalidade comunicativa. Habermas propõe, assim, uma abordagem normativa, de um lado, que estabelece princípios éticos absolutos (para a ação comunicativa, trata-se da ética do discurso) e que fundamenta um diagnóstico de época, de outro, ao observar o tempo presente como uma deturpação ou degeneração da norma que, contudo, persiste e deve ser reconstruída na avaliação. Limitada e restrita pela parcialidade que a modernização capitalista deu ao processo de racionalização, a Comunicação mostra-se, assim, não como um momento contraditório do capitalismo (como vimos acima na argumentação sobre a Indústria Cultural), mas como uma expressão de um princípio normativo que, ao ser reconstruído,

ofereceria um potencial emancipatório.

Costuma-se reconhecer nesse projeto de Habermas uma superação das pretensas limitações teóricas apresentadas por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, incapazes que seriam de apresentar seus princípios normativos devido à observação monolítica da razão instrumental e da sociedade administrada. Desde *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (Habermas, 2014c) que a Indústria Cultural aparece como um resultado paradoxal e historicamente deformado das perspectivas de liberdade desdobradas da modernidade. Com a *Teoria da ação comunicativa* (Habermas, 2022), esse projeto ganha novos contornos, em que os motivos dialéticos da perspectiva de Adorno e Horkheimer, como vimos condensados em uma categoria como Indústria Cultural, se perdem de vez.

Mas, a perspectiva desencadeada por Adorno e Horkheimer não desembocou unicamente na ruptura proposta pela obra de Habermas. A Nova Leitura de Marx, em outro sentido, postulou um encaminhamento teórico em diálogo com as concepções de Adorno que possibilitaram uma continuidade da teoria crítica fundamentada na pertinência da dialética.⁹ Mesmo levando em conta que a NML não deu maior atenção a qualquer objeto relativo ao campo de estudos da Comunicação, veremos que é exatamente aí, a partir de sua presença na obra de Ruy Fausto, e pelo debate da derivação do estado, que encontraremos as bases para uma perspectiva dialética como aquela que surge na Economia Política da Comunicação elaborada por César Bolaño.

Principalmente nas obras de Backhaus (2022, 2021b, 1997) e Reichelt (2013a, 2013b), a NLM propôs uma exposição da dialética a partir da avaliação da teoria do valor de Marx. Backhaus concentrou-se na apresentação da dialética

ao observar as questões relativas à forma do valor, conforme o primeiro capítulo d'*O Capital* (Marx, 2017). A relevância da dialética para uma compreensão da sociedade foi elaborada nas querelas de Adorno contra o positivismo e que se seguiram em seus textos dedicados à Sociologia ao longo dos anos 1960. Em 1962, segundo anotações de Backhaus (2021a), Adorno dedica especial atenção ao problema, já presente na perspectiva que vinha sendo elaborada por seus discípulos (Reichelt, 1982), de reconhecer nas categorias desenvolvidas por Marx o ato de encontrar a dialética no próprio objeto, na medida em que a abstração é entendida não só como um fenômeno do pensamento, mas algo que ocorre efetivamente no real.¹⁰ A partir disso, Backhaus (2022, 1997) se pergunta os motivos lógicos e históricos que levam o conjunto de relações sociais fetichizadas (ou seja, o fato de que as relações sociais entre pessoas que produzem e trocam mercadorias aparecem como uma relação entre as próprias mercadorias) característico do capitalismo a adquirir a forma determinada do valor, concretizada no dinheiro como mediação universal.

Reichelt (2013a), por sua vez, visou elucidar a arquitetura que organiza a dialética de Marx, a "estrutura lógica do conceito de capital", a partir de uma observação detalhada da presença da *Lógica* de Hegel (2016, 2017, 2018) em *O Capital* (Marx, 2017), sem que isso fosse mero recurso estilístico ou aplicação metodológica. Para tal, Reichelt destacou que problemas postulados desde os textos de juventude de Marx foram ganhando soluções dialéticas nas obras de maturidade. Destacamos, particularmente, como Reichelt (2013a) acompanhou com cuidado os postulados e limites enunciados na crítica que Marx (2005) elaborou à *Filosofia do Direito*, de

⁹ Atestam as relações de continuidade entre a Teoria Crítica de Adorno e a NML os artigos de Reichelt (1982, 2017), Barreira (2022) e Schâbel (2019) e Serrano (2023).

¹⁰ "Agora, eu pergunto: seria o conceito realmente apenas uma adição do sujeito cognoscente ao material ou existiria algo como um conceito também no objeto com o qual nos relacionamos? Eu começo, aqui, a falar do problema central. Nesse ponto, nossa resposta – da Escola de Frankfurt – distingue-se de todas as correntes da sociologia. A troca é, ela mesma, um processo de abstração. Saibam as pessoas ou não, ao entrar num processo de troca e reduzir diferentes valores de uso ao valor do trabalho, elas executaram uma operação conceitual de modo socialmente real. Essa é a objetividade do conceito na prática (*Praxis*). Mostra-se, assim, que a conceitualidade não se encontra apenas na cabeça dos filósofos, mas na realidade da coisa mesma (*in der Wirklichkeit der Sache selbst*), de tal modo que nós, ao falar sobre essência, nos referimos exatamente àquilo que a sociedade já tem em si mesma sem saber" (Backhaus, 2021, p. 739-740). Este texto apresenta anotações feitas por Backhaus em um curso ministrado por Adorno em 1962.

Hegel (2022). Nos termos que Reichelt encontra em Marx, a separação entre Estado e sociedade é uma contradição que deve ser encontrada na própria sociedade e que, conseqüentemente, põe o Estado como forma política independente e ao lado da sociedade, que assim também aparece enquanto tal. As distorções da forma política são, conforme a análise que Reichelt promove de Marx, expressões das distorções fundantes da própria sociedade, de onde resultam. O que Marx ainda não dispunha plenamente neste momento, reconhece Reichelt, eram os fundamentos das distorções da sociedade, o que encontrou enfim na crítica da economia política. Mas, ali Marx já aguçava o método dialético como a necessária derivação da gênese das formas – não por acaso, avaliando o Estado.

Estes e outros aspectos postos pela NLM vão ecoar em outras perspectivas críticas, como o debate alemão sobre a derivação do Estado e na obra de Ruy Fausto. Os debates derivacionistas (Bonet; Piva, 2017) estiveram atentos aos problemas da forma e da derivação como método dialético para lidar com o Estado. Ruy Fausto (2015, 1987), por sua vez, leu tanto os trabalhos da NLM quanto os dos derivacionistas, e atentou também para a abstração real e o valor como forma. Pela leitura de Ruy Fausto e dos derivacionistas¹¹, como se observa nas referências, Bolaño (2000) alcançou os principais postulados da NLM.

Entendemos que foi a partir disto que a EPC, como exposta por César Bolaño (2000), alcançou uma elaboração conceitual que dá conta de articular a interpretação crítica da Indústria Cultural segundo os marcos da teoria do valor de Marx, conforme a trilha aberta pela NLM, ao adotar uma abordagem dialética da questão. Nos termos postulados pela crítica dialética da EPC, a Comunicação não se reduz a suas funções, positivamente avaliadas pelo parâmetro de investigação da *Mass Communication Research*; não

é um aparelho ideológico de Estado operando a difusão de famigeradas ideologias alienígenas; não é uma práxis própria da racionalidade moderna que, ao prometer liberdade, foi colonizada pelos meios poder e dinheiro.¹² Pelo contrário, de maneira homóloga ao que a NLM propôs, Bolaño reconheceu que para compreender todos estes aspectos é necessário primeiro “derivar a gênese de sua forma”.

Assim, Bolaño elabora uma crítica dialética no bojo da EPC, ao compreender que a *comunicação é uma forma social* que, do ponto de vista epistemológico, pode ser *logicamente derivada* a partir de sua célula elementar mais simples, a informação. Trata-se de seguir o passo de Marx (2017), que iniciou a análise das categorias próprias ao capital a partir de sua célula mais elementar, a mercadoria. O método dialético se propõe a caminhar dos fundamentos mais simples, que correspondem ao plano mais abstrato, até a síntese de múltiplas determinações, o plano mais concreto. Assim, iniciando um plano alto de abstração até dimensões mais concretas, Bolaño (2000) avalia a informação em três momentos lógicos decisivos do capitalismo, nos termos de Marx (2017) (quais sejam: a circulação simples de mercadorias, o terreno oculto da produção e o plano da concorrência entre capitais), sintetizando a comunicação como forma social.

No primeiro momento, em um plano alto de abstração, dois sujeitos se encontram para trocar mercadorias. Conforme Marx (2017) no capítulo 2 de *O Capital*, trata-se de um “ato volitivo” dos sujeitos, visto que as mercadorias expostas em relação no capítulo 1 não podem ir ao mercado se trocarem por si mesmas e nem podem obrigar seus possuidores a fazerem-no. Para Marx (2017), o ato volitivo dos sujeitos é, do ponto de vista do capital, necessário para realizar os “desejos” das mercadorias. Para que se reconheçam entre si como sujeitos da troca, eles estabelecem

¹¹ Vale destacar que Bolaño leu o debate sobre a derivação do Estado a partir da compilação organizada por Holloway e Picciotto (1979), que teve extrema importância na Inglaterra de fim dos anos 1970 e abriu todo um leque de desenvolvimentos teóricos em língua inglesa.

¹² É verdade que, a rigor, César Bolaño (2000; 2015) aproveitou significativamente os desenvolvimentos teóricos de Habermas, principalmente, no que tange a *Teoria da Ação Comunicativa*, da concepção de colonização do mundo da vida pelo sistema. Contudo, o próprio Bolaño (p. ex., Bolaño, 2018) já afirmou que o ponto de fuga de suas análises é uma crítica à abordagem habermasiana. Entendemos que essa crítica passa justamente por uma compreensão do esvaziamento da dialética na obra de Habermas.

relações como proprietários das mercadorias. Assim, neste momento, os sujeitos são, como proprietários, formalmente livres e iguais uns perante os outros. Seguindo Bolaño (2000), para efetuar o "ato volitivo", estes "sujeitos da troca" estabelecem uma relação de comunicação, cujo caráter, neste plano de abstração, é direto (ou seja, trata-se de uma relação apenas entre os dois sujeitos, sem instâncias de mediação) e a informação é objetiva (ou seja, os sujeitos estabelecem um diálogo por meio de perguntas e respostas sem desvios).

No terreno oculto da produção, caminhamos na abstração, saindo daquele plano aparente do "ato volitivo", o âmbito da liberdade conforme Marx (2017) no final do capítulo 4, e chegamos em um plano onde os sujeitos deixam de ser formalmente iguais e agora se mostram como capitalista e trabalhador. Se no plano da troca de mercadorias o trabalhador vende a força de trabalho de que é proprietário para o capitalista, no terreno da produção o capitalista domina o trabalhador e passa a explorá-lo, visando o mais-valor. Conforme Bolaño (2000), neste plano, visto em um sentido ainda abstrato, capitalista e trabalhador precisam estabelecer uma relação de comunicação a fim de dinamizar o processo produtivo. Esta comunicação continua direta (ainda se trata de uma relação entre dois sujeitos), porém hierarquizada (o capitalista manda e o trabalhador obedece), e a informação permanece objetiva (perguntas e respostas se dão a fim de concretizar o processo produtivo).

Ainda no terreno da produção, também se estabelece uma relação entre os próprios trabalhadores, que Marx (2017) acompanhou lógico-historicamente desde os termos da cooperação simples, do capítulo 11 em diante. Para além da relação de dominação e exploração entre capitalista e trabalhador, os próprios trabalhadores entram em relações a fim de operar o processo produtivo. Segundo Bolaño (2000), neste momento, também observado em termos abstratos, a comunicação continua direta (ou seja, trabalhadores dialogam entre si, sem instâncias de mediação), mas agora de natureza horizontalizada (ainda não

estão postos, neste plano, as relações de mando entre os próprios trabalhadores), e a informação é objetiva (visando o esclarecimento de aspectos da própria dinâmica produtiva). É aí que Bolaño (2000) percebe como a informação finalmente se apresenta como um insumo econômico, ou seja, o conjunto de informações trocadas entre os trabalhadores pode tornar o processo produtivo mais eficiente, o que passa a ser uma vantagem para o capitalista que explora aqueles trabalhadores e cobiçado por um capitalista concorrente. Este tipo de informação, a partir do que Bolaño (2000) chamou de "acumulação primitiva de conhecimento", é apropriada pelo capitalista, que pode circulá-la ou restringi-la, de acordo com seu interesse.

Caminhando com Bolaño (2000) para um plano mais concreto, da concorrência entre capitais, a informação, tornada insumo econômico, demanda um setor próprio capaz de operacionalizá-la, constituir sua infraestrutura, gerar seus princípios legais e assim por diante. Ou seja, trata-se da configuração de um setor econômico que, como tal, opera segundo a dinâmica de acumulação de capital, que vai se concretizar em capitais individuais, dentre outros aspectos. Esta é uma particularização histórica que, sob o capitalismo monopolista, constituiu exatamente a Indústria Cultural. Vale destacar, seguindo Bolaño (2000), que, naquele plano mais abstrato, a aparência da informação própria à relação entre sujeitos livre e iguais se mostra, no plano da produção, como uma informação entre classes, substância da informação própria ao capitalismo que é escamoteada pela informação de massas que surge no plano concreto da Indústria Cultural.

Finalmente, com a forma da comunicação devidamente derivada, é possível reconhecer as funções que ela cumpre no capitalismo. Seguindo Bolaño (2000), trata-se da constituição das instâncias a fim de realizar a dinâmica de *mediação* entre as partes interessadas. De um lado, os capitais individuais buscam a mediação da Indústria Cultural a fim de dinamizar a venda de sua produção, enviando ao público informações sobre suas mercadorias, o que Bolaño (2000)

chamou de função publicidade. De outro, agentes políticos buscam a mediação da Indústria Cultural para enviar informações ao público visando a disputa e a conformação do Estado, processo efetivamente ideológico que Bolaño (2000) chamou de função propaganda. Uma abordagem não dialética estanca os princípios econômicos e políticos das funções e os confunde. Uma abordagem dialética, por sua vez, reconhece o caráter distinto das funções publicidade (que é a determinação primeira da Indústria Cultural como setor econômico) e propaganda (que é o princípio ideológico central para a reprodução do capital), suas articulações lógico-históricas e os momentos em que a função propaganda passa a primeiro plano, sobrepondo-se à função publicidade (Bastos; Souza; Fusaro, 2023).

A mediação ocorre por meio do trabalho cultural do variado pessoal do setor. Com disputas e consensos, a configuração do anúncio publicitário como o principal sistema de financiamento da Indústria Cultural instituiu um duplo caráter da mercadoria. De um lado, trata-se da produção de uma programação que satisfaça as necessidades simbólicas do público, que Bolaño (2000) chamou de função programa, configurando o processo efetivamente como de mediação. A Indústria Cultural atrai a atenção do público a partir de instrumentos técnicos e realizações estéticas, o que Bolaño (2000) chamou de padrão tecnoestético. De outro lado, essa atenção é quantificada segundo qualidades determinadas, empacotada como audiência e vendida no mercado de anunciantes (mercadoria audiência). As transformações históricas alteram os modos com que a função programa e o padrão tecnoestético se põem.

A teoria crítica de Adorno e Horkheimer (2012) já havia feito sua exposição dialética como tal, mas havia observado apenas a decisiva dimensão de achatamento entre economia e cultura que tornou a sociedade ideologia de si mesma. Ao buscar dar um passo conforme a teoria do valor de Marx e o "método da derivação das formas", sob inspiração indireta da NLM, via teoria da derivação do Estado e Ruy Fausto, a crítica dialética elaborada no interior da EPC por César Bolaño

(2000) expõe a Comunicação não conforme uma ciência reconstrutiva tal qual Habermas, que a transforma em expoente normativo da ética do discurso, mas segundo uma dialética que, como vimos, busca a derivação da gênese de suas formas em termos imanentes.

Considerações finais

Ao longo do texto, apresentamos materiais para uma reconstrução da dialética própria ao pensamento comunicacional. Em um primeiro momento, reconhecemos como a categoria de Indústria Cultural, segundo a elaboração de Adorno e Horkheimer (2012), é exposta em termos dialéticos, encontrando nela os resultados históricos da crise do capitalismo liberal e as condições de sua continuidade, já em termos de capitalismo monopolista. Em um segundo momento, discutimos a cisão teórica promovida pela crítica reconstrutiva de Habermas que, em nome da Comunicação, se desacoplou da teoria do valor de Marx e, conseqüentemente, de seu método dialético. Em um sentido oposto, buscamos na NLM a persistência da dialética como abordagem adequada do capitalismo. Pela intermediação de Ruy Fausto e da teoria da derivação do Estado, reconhecemos como a linha trilhada pela NLM chega até a EPC que, em César Bolaño, reconhece a comunicação como forma social e a crítica dialética como método adequado para análise e exposição no bojo do pensamento comunicacional.

Em nosso momento histórico neoliberal, quando o capital novamente em crise radicaliza os termos apresentados da Indústria Cultural e torna a rede mundial de computadores e suas plataformas digitais em instância mediadora privilegiada das relações de trabalho e valor, entendemos que tomá-las não a partir de um princípio normativo, conforme a ciência reconstrutiva de Habermas, mas sim nos termos da crítica dialética da comunicação como forma social, segundo a abordagem frankfurtiana desdobrada na NLM e consolidada na EPC, permitirá uma compreensão adequada de seus fundamentos, resultados e possibilidades (Bastos, 2024a). Ademais, cumpre

ainda observar como a exposição dialética da Comunicação se tornou possível na periferia do capitalismo, de maneira que esta forma social passa pelas contradições das especificidades locais (Bastos, 2019, 2024b).

Referências

ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ADORNO, T. et al. *A disputa do positivismo na sociologia alemã*. São Paulo: Ícone, 2014.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. São Paulo: Zahar, 2012.

BASTOS, M. D. Indústria Cultural e capitalismo tardio: origens da Economia Política da Comunicação no Brasil em Mercado Brasileiro de Televisão. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, [s. l.], n. 142, p. 187-202, 2019. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4121/3212>. Acesso em: 26 set. 2024.

BASTOS, M. D. A crise imanente da comunicação como forma social e os limites da concepção de "esfera semipública": Notas dialéticas sobre Habermas e a "nova reestruturação da esfera pública". *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura*, São Cristovão, v. 26, n. 2, p. 9-29, 2024a. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/20493>. Acesso em: 26 set. 2024.

BASTOS, M. D. Uma dialética que surge das contradições nacionais da Indústria Cultural: a objetividade da crítica dialética elaborada no interior da Economia Política da Comunicação. In: *ENCONTRO ANUAL DA COMPOS*, 33., 2024, Niterói. *Anais [...]*. Campinas, Galoá, 2024b. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/uma-dialetica-que-surge-das-contradicoes-nacionais-da-industria-cultural-a-objet?lang=pt-br>. Acesso em: 26 set. 2024.

BASTOS, M. D.; SOUZA, R. M.; FUSARO, W. C. *Beemote Digital: a confusão entre propaganda e publicidade nas plataformas de redes digitais como expressão da crise imanente das formas sociais*. *Revista Eco-Pós*, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 480-506, 2023. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28012. Acesso em: 26 set. 2024.

BACKHAUS, H-G. Sobre a Dialética da Forma de Valor. In: *Zero à esquerda*. [s. l.], 2022. Disponível em: <https://zeroaesquerda.com.br/wp-content/uploads/2022/07/Hans-Georg-Backhaus-Sobre-a-Dialetica-da-Forma-de-Valor.pdf>. Acesso em: 11 out. 2022.

BACKHAUS, H-G. Theodor W. Adorno sobre "Marx e os conceitos fundamentais da teoria sociológica": A partir das notas de um seminário no semestre de verão de 1962. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica (Unicamp)*, [s. l.], v. 5, p. 737-754, 2021a. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/teoriacritica/article/view/4224/3300>. Acesso em: 11 out. 2022.

BACKHAUS, H-G. O núcleo contraditório e monstruoso da formação conceitual da economia política (I). *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, [s. l.], v. 28, n. 56, p. 132-159, 2021b.

BACKHAUS, H-G. *Dialektik der Wertform: Untersuchungen zur marxischen Ökonomiekritik*. Freiburg: Ça ira, 1997.

BARREIRA, C. M. A "nova leitura de Marx": um mapeamento de suas premissas e desenvolvimentos. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, [s. l.], n. 63, p. 10-40, 2022. Disponível em: <https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/851/446>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BELLOFIORE, R.; RIVA, T. R. The Neue Marx-Lektüre: Putting the critique of political economy back into the critique of society. *Radical Philosophy*, [s. l.], n. 189, 2015. Disponível em: <https://www.radicalphilosophy.com/article/the-neue-marx-lecture>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BOLAÑO, C. *Indústria cultural, informação e capitalismo*. São Paulo: Hucitec: Pólis, 2000.

BOLAÑO, C. *Campo aberto: Para a Crítica da Epistemologia da Comunicação*. Aracaju: Edise, 2015.

BOLAÑO, C. Do fetichismo da mercadoria ao fetichismo da informação: uma réplica. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 125-130, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/download/8517/6800>. Acesso em: 10 mar. 2023.

BOLAÑO, C.; BASTOS, M. D. Um pensamento materialista em comunicação. In: BIANCO, N. R. del; LOPES, R. S. *O campo da comunicação: epistemologia e contribuições científicas*. São Paulo: Socicom Livros, 2020. p. 165-187. Disponível em: https://socicom.org.br/wp-content/uploads/2020/12/livro_ocampo_da_comunicac%C3%A7ao.pdf. Acesso em: 11 out. 2022.

BONET, A.; P., Adrian (org.). *Estado y capital: El debate alemán sobre la derivación del Estado*. Buenos Aires: Herramienta, 2017. Disponível em: <https://www.herramienta.com.ar/estado-y-capital-el-debate-aleman-sobre-la-derivacion-del-estado>. Acesso em 11 out. 2022.

CAUX, L. P. *A imanência da crítica: Os sentidos da crítica na tradição frankfurtiana e pós-frankfurtiana*. São Paulo: Loyola, 2021.

DUBIEL, H. *Theory and Politics: Studies in the Development of Critical Theory*. Cambridge: MIT Press, 1985.

FAUSTO, R. *Sentido da dialética – Marx: lógica e política*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

FAUSTO, R. *Marx: Lógica & Política II*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FLECK, A.; CAUX, L. P. de. Posfácio: Pollock e os frankfurtianos. In: POLLOCK, F. *Crise e transformação estrutural do capitalismo: artigos na Revista do Instituto de Pesquisa Social, 1932-1941*. Florianópolis: Nefipo, 2019.

GRESPLAN, J. *O negativo do capital*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

- GROSSMANN, H. Henryk Grossman works: the law of accumulation and breakdown, of the capitalist system: being also a theory of crises. Leiden: Brill, 2021.
- GUERRA, R.; SERRANO, B. Aspectos da reconstrução da dialética em Ruy Fausto. Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 111-132, 2021.
- HABERMAS, J. Teoria da Ação Comunicativa. São Paulo: Ed. Unesp, 2022. 2 v.
- HABERMAS, J. Trabalho e interação: comentários sobre a Filosofia do espírito de Hegel em Jena. In: HABERMAS, J. Técnica e ciência como "ideologia". São Paulo: Ed. Unesp, 2014a. p. 35-74.
- HABERMAS, J. Técnica e ciência como "ideologia". In: HABERMAS, J. Técnica e ciência como "ideologia". São Paulo: Ed. Unesp, 2014b. p. 75-132.
- HABERMAS, J. Mudança estrutural da esfera pública. São Paulo: Ed. Unesp, 2014c.
- HEGEL, G. W. F. Ciência da lógica 1: a doutrina do ser. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.
- HEGEL, G. W. F. Ciência da lógica 2: a doutrina da essência. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.
- HEGEL, G. W. F. Ciência da lógica 3: a doutrina do conceito. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.
- HEGEL, G. W. F. Linhas fundamentais da filosofia do direito. São Paulo: Ed. 34, 2022.
- HOLLOWAY, J.; PICCIOTTO, S. State and capital: a marxist debate. Austin: University of Texas Press, 1979.
- HONNETH, A. Teoria Crítica. In: GIDDENS, A; TURNER, J. (org.). Teoria Social Hoje. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. p. 503-552.
- LÊNIN, V. Imperialismo, estágio superior do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2021.
- LUXEMBURGO, R. A acumulação do capital. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, K. Crítica da filosofia do direito de Hegel. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MOYN, S. Critical theory's generational predicament. Constellations, [s. l.], v. 30, n. 4, p. 419-421, 2023. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8675.12730>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- NEUMANN, F. Behemoth: The Structure and Practice of National-Socialism, 1933-1944. Chicago: Ivan R. Dee, 2009.
- NEUMANN, F. O império do direito. São Paulo: Quartier Latin, 2013.
- O'KANE, C. On Frankfurt School Critical Theory and Political Economy. Journal of the History of Ideas blog, [s. l.], 10 jan. 2024. Disponível em: <https://www.jhiblog.org/2024/01/10/on-frankfurt-school-critical-theory-and-political-economy>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- POLLOCK, F. Crise e transformação estrutural do capitalismo: artigos na Revista do Instituto de Pesquisa Social, 1932-1941. Florianópolis: Nefipo, 2019.
- POSTONE, M. Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx. São Paulo: Boitempo, 2014.
- PUZZONE, V. F. Capitalismo perene: Reflexões sobre a estabilização do capitalismo a partir de Lukács e da Teoria Crítica. São Paulo: Alameda, 2016.
- REICHELT, H. Sobre a estrutura lógica do conceito de capital em Karl Marx. Campinas: Editora Unicamp, 2013a.
- REICHELT, H. Neue Marx-Lektüre: Zur Kritik sozialwissenschaftlicher Logik. Freiburg: Ça Ira, 2013b.
- REICHELT, H. Que método Marx ocultou? Crítica Marxista, [s. l.], n. 33, p. 67-82, 2011. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo240artigo3.pdf. Acesso em: 11 out. 2022.
- REICHELT, H. From the Frankfurt School to Value-Form Analysis. These Eleven, [s. l.], v. 4, n. 1, 1982.
- REICHELT, H. La Teoria Crítica como programa de una nueva lectura de Marx. Constelaciones: Revista de Teoria Crítica, [s. l.], v. 8-g, p. 146-161, 2017. Disponível em <http://constelaciones-rtc.net/article/view/1915/pdf>. Acesso em: 11 out; 2022.
- SCHÄBEL, M. A importância da Escola de Frankfurt para uma Nova Leitura de Marx. Problemata: Revista Internacional de Filosofía, [s. l.], v. 10, n. 4, p. 62-76, 2019.
- SCHEUERMAN, W. E. The Frankfurt School on its 100th Birthday. Journal of the History of Ideas blog, [s. l.], 13 dez. 2023. Disponível em: <https://www.jhiblog.org/2023/12/13/the-frankfurt-school-on-its-100th-birthday/>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- SERRANO, B. K. Teoria crítica da forma-valor: Theodor W. Adorno e a Neue Marx-Lektüre. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Manoel Dourado Bastos

Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Campus de Assis), em Assis, SP, Brasil; com pós-doutorado em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil; mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil; bacharel em Comunicação com Habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da UnB. Professor Associado do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em Londrina, PR, Brasil. Coordenador do PPGCOM-UEL.

Endereço para correspondência

Manoel Dourado Bastos

Universidade Estadual de Londrina
Centro de Educação, Comunicação e Artes
Departamento de Comunicação
Rodovia Celso Garcia Cid, PR 445, Km 380
Campus Universitário, 86057-970
Cx. Postal 10.011
Londrina, PR, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK
Revisões Acadêmicas e submetidos para validação
do(s) autor(es) antes da publicação.*